

ESCRITOS SOBRE A EXPERIÊNCIA: De Slavoj Žizek a Jorge Larrosa

Rodrigo Braz Carlan¹

Luís Henrique Ramalho Pereira²

RESUMO: O objetivo deste trabalho é investigar e correlacionar os conceitos sobre o sujeito da experiência e a experiência, de acordo com as obras de Jorge Larrosa e Slavoj Žizek. Esse estudo será por meio de uma revisão bibliográfica, a fim de, identificar os possíveis entrelaçamentos da experiência com a sociedade capitalista e, as substanciais diferenças apontadas por ambos os autores no decorrer de suas obras. Assim surgiu a relação e os atravessamentos que o capitalismo promove e *a posteriori* significados e empecilhos para a experiência na sociedade contemporânea. Dessa maneira, aponta que a experiência conta com marcas subjetivas, causadoras de efeitos e reflexos no âmbito social, tendo em vista que, também apontamos o Real como causa e efeito de um corte no processo de sentido da sociedade contemporânea, resultando em uma ação que retroalimenta a existência do capitalismo. Enfim ao localizarmos a experiência como mecanismo capaz de evitar a captura do sujeito frente aos processos que está inserido, possibilitou-nos traçar horizontes teóricos para com o atual processo sócio histórico.

Palavras-Chave: Capitalismo, Experiência, Sujeito da experiência.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to investigate and correlate the conceptions about the subject of the experience and the experience itself, according to Jorge Larrosa's and Slavoj Žizek's work. This study will be accomplished through a bibliographical review in order to identify the possible interlacements of the experience and the capitalistic society, as well as the substantial differences indicated by both authors throughout their work. Through this study the relation and interlacements promoted by the capitalism and, after, the meanings and hindrances to the experience in the contemporary society have surfaced. In this manner, the fact that the experience features subjective marks responsible for effects and reflections in the social sphere has been pointed out, considering that the Real can also be pointed out as the cause and effect of a cut in the sensing process of the contemporary society, resulting in an action that feeds back into the existence of capitalism itself. Finally, through establishing the experience as a mechanism capable of avoiding the capture of the subject before the processes in which one is placed, it was possible to project theoretical perspectives related to the present sociohistorical process.

Key words: Capitalism, Experience, Subject of the experience,.

INTRODUÇÃO

No ano de 2011 o professor e filósofo Slavoj Žizek participava doo movimento *Occupy Wall Street* em Nova Iorque, onde protestava contra a crise financeira americana e as diretrizes tomadas pelo sistema capitalista global. Em um momento da manifestação,

¹ Graduado em Psicologia, Mestrando em Ensino de Humanidades e Linguagens pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Bolsista CAPES/PROSUC, E-mail: rodrigocarlan@hotmail.com

² Graduado em Psicologia, Mestre em Educação pela Universidade Federal De Santa Maria (UFSM), E-mail: luishp7@yahoo.com.br

Žižek discursa e profere a seguinte questão, “Não se apaixonem por si mesmos, [...] o verdadeiro teste de seu valor é o que permanece no dia seguinte, ou a, maneira como nossa vida normal e cotidiana será modificada” (ZIZEK, 2011).

A partir desse acontecimento Žižek buscou explicar a necessidade de fomentar sobre novas alternativas para o processo sócio histórico no qual a sociedade encontra-se submetida, buscando ressaltar sempre, que as propostas desenvolvidas no século XX não servem mais para o século atual. Por isso, sua inquietante busca pela indagação referente a assuntos polêmicos e com uma trajetória filosófica na corda bamba, revela que a montanha-russa intelectual zizekiana propicia algumas discussões que buscam ilustrar um suposto lapso no processo da experiência na sociedade capitalista. Inicialmente, é necessário questionarmos os atravessamentos que o capitalismo promove e, sobretudo, pensar o que, de certa forma, muda de posição ou de lugar no momento em que nossa “vida normal e cotidiana” é modificada por esse sistema sócio histórico. A relação do sujeito com o capitalismo não se diferencia muito da relação entre o leitor e o livro, a leitura, na sua forma única de ser, caracteriza-se como uma típica cena dos filmes de mutantes de Hollywood, na qual depois de uma fusão entre partículas mutantes surge uma criatura diferente daquela que era antes.

No entanto, a similaridade entre essas cenas é rompida no momento em que a leitura implica na correlação entre o leitor e livro, equiparação esta que sustenta e possibilita o leitor produzir algo a partir do texto lido, diferentemente do sujeito no capitalismo que, para Zizek (2012), é aquele que está pronto para arriscar tudo na vida, a fim de produzir crescimento financeiro ou material, convergindo sua experiência apenas aos resultados obtidos. Diferente do filósofo esloveno e com um estilo de escrita mais romancista, Jorge Larrosa busca explicar o que é experiência, inicialmente absorto de um discurso de ordem pedagógica, o filósofo da educação, procura ressaltar a necessidade da criação de espaços para a “sensibilidade” na sociedade atual. Assim, é necessário enfatizar que a experiência é um mecanismo capaz de evitar a captura do sujeito frente aos processos sócios históricos.

Desta forma, Larrosa (2016) apresenta um conceito de experiência, centralizado nas ações e promoções da linguagem, apontando que essas singularizam o sujeito, tornando-o

inidentificável e incompreensível. No entanto, ao abordar fatores que impossibilitam a promoção de experiência na sociedade atual, o filósofo da educação expõe uma hermenêutica entre a experiência e o sujeito da experiência, apresentando uma temática acerca do sujeito da experiência, que tangencia paradigmas da filosofia da educação, onde o discurso pedagógico “[...] nomeia o que há, o que acontece ou o que nos acontece [...]” (LARROSA, 2016, P. 109) em meio ao que diz respeito à educação.

É importante salientar que a expressão “experiência no sujeito” contempla conceitos fundamentais para a Psicologia, porém, o conceito da experiência e o de sujeito não serão abordados separadamente, assim, é significativo compreender a relação dessas questões entre o sujeito da experiência e a experiência em si. Para isso, deve-se levar em consideração que as situações vividas pelo sujeito em seu dia a dia podem afetar sua subjetividade já que o ser humano está inserido em um processo que, supostamente, não leva em consideração suas particularidades, nem tampouco aquilo que o afeta, ou como o afeta. A metodologia utilizada neste trabalho foi por meio de uma revisão bibliográfica que consiste em uma pesquisa desenvolvida a partir de um material já existente, ou seja, obras literárias que proporcionam conhecimentos para os sujeitos através de livros de leitura corrente. A vantagem desse tipo de pesquisa é poder investigar diversos fenômenos acerca da temática estabelecida (GIL, 2008).

O objetivo deste artigo é compreender, através de uma revisão bibliográfica, o sujeito da experiência e a experiência, correlacionando os conceitos sobre o sujeito da experiência e a experiência, de acordo com os escritos de Jorge Larrosa e Slavoj Žižek e, buscando identificar os possíveis entrelaçamentos da experiência na sociedade capitalista e suas substanciais diferenças, apontadas por ambos os autores no decorrer de suas obras. Portanto, este trabalho torna-se relevante devido à consonância e pertinência de uma metáfora zizekiana na atualidade, onde, de acordo com o filósofo esloveno, na Escócia o uso do termo, *tartle*, caracteriza o instante em que um orador esquece brevemente o nome de alguém: “Sorry, i tartled there for a moment’, Desculpe tive um lapso por um instante!” (ZIZEK, 2015, P. 245). Será que produzimos lapsos nas últimas décadas, esquecendo que a experiência pode atuar como um mecanismo na luta emancipatória? Assim, é importante

lembrar-se desta palavra para que seja justificável promovermos novas ideias ou propostas para o século em que vivemos.

Desta forma, é importante localizarmos o sujeito em meio à sociedade contemporânea, tal como, as circunstâncias que o bordeiam, a fim de possibilitar o questionamento de significados para experiência e o sujeito da experiência em meio a esse complexo processo. Assim, ao interpelar os lugares ocupados por esses mecanismos em meio ao atual processo sócio histórico, seja viável a indagação e apresentação de um panorama teórico que promova discussões acerca dessa temática.

FORA DO MALTUKBAKGI

Nas proximidades do museu infantil de Seul, capital e maior metrópole da República da Coreia, encontra-se uma estátua que, para uma parcela das pessoas, pode denunciar uma cena peculiar e obscena. À primeira vista, a estátua apresenta a seguinte forma: quatro garotos, curvados e com as cabeças nas nádegas daquele que se encontra à sua frente; em pé, na frente desses quatro garotos, há um garoto com a genitália pressionada pela cabeça do primeiro garoto encurvado. Ao questionar o significado dessa estátua, Slavoj Žižek produz uma interpretação de que essa representa o *maltukbakgi*, um jogo praticado por crianças coreanas até o ensino médio (ŽIZEK, 2015).

O jogo consiste na formação de dois times (times A e B), onde inicialmente, o time A posiciona-se com um de seus integrantes colocado em pé e encostado em uma parede e, os outros integrantes, posicionam-se com as cabeças entre as nádegas ou genitálias de outros garotos, formando um grande cavalo. A finalidade do jogo se constitui no ato do time B pular sobre o time A buscando promover a queda do time adversário. Assim, Žižek (2015) comenta que a estátua é uma importante e singela metáfora que, de forma alusiva, expõe a condição dos indivíduos frente o capitalismo.

Nossa visão é restrita ao que podemos ver com a cabeça enterrada na bunda de alguém bem na nossa frente, e nossa ideia de quem é nosso Mestre é o sujeito na frente cujo pênis e/ou saco do primeiro da fila parece estar lambendo – mas o verdadeiro Mestre, invisível para nós, é o que pula

livremente sobre nossas costas, o movimento autônomo do capital (ZIZEK, 2015, P. 245).

Assim sendo, ao considerarmos importantes as ações do sistema capitalista, cabe investigarmos se essas possuem papel substancial na constituição da experiência na sociedade contemporânea. De acordo com Žižek (2015), esse sistema econômico e sócio histórico promove uma zumbificação do sujeito, além de que, possibilita de forma reativa uma negação da promoção de sentido na sociedade.

Este processo de zumbificação do sujeito é, então, consequência direta de um suposto esvaziamento do homem de sua humanidade e sentido, no qual o indivíduo encontra-se sempre centrado no acúmulo e na conquista de capital, negligenciando, deste modo, as relações de sentido e a presença de um outro. Situação esta representada em filmes do cinema estadunidense, nos quais são retratadas pessoas que, aparentemente, encontram-se vivas e mortas ao mesmo tempo, desprovidas de humanidade e sentido (ZIZEK, 2015).

EXPERIÊNCIA

Explorar a experiência a partir de uma filosofia da educação, segundo Larrosa (2002) é, inicialmente, pensar na educação pela práxis da ciência e da técnica, ou seja, aquilo que se aprende somado ao resultado ou, como a forma que se chega (eficácia ou não eficácia). Também é elaborar ideias partindo do pressuposto da teoria e da prática, em que um conhecimento especulativo dotado de normativas desloca uma passagem para o exercício. Dessa forma, a ciência/técnica refere-se a uma visão pragmática, ou seja, a teoria/prática provoca uma ruptura de paradigmas criando lacunas no ponto de vista político/crítico.

Neste sentido, Larrosa (2016) aponta que, apenas a partir desta ótica política/crítica podemos pensar a respeito do uso da palavra “reflexão”. Cabe aqui destacar que o uso da expressão “reflexão” pelo autor, está livre da ação de refletir (espelhar), e sim preenchida, pelo ato de repercutir, causar ecos como um possível panorama para uma experiência/sentido. Para o estudioso, o campo pedagógico é dividido entre os técnicos e

os críticos, os embrutecedores e os emancipadores, a ciência e a política, os darwinistas e os freirianos. Contudo, não devemos negar a importância da díade ciência/técnica e suas contribuições para a prática, ou tampouco descartar o significativo valor do pensamento político/crítico no campo pedagógico. Desse modo, o pensador propõe para mais além. A fim de pensar na relação experiência/sentido como sugere Larrosa, é necessário, primeiramente, pensar a respeito do “poder” das palavras. Anteriormente à discussão do pensador, a linguagem poética de Cecilia Meirelles já sugeria a capacidade de movimento das palavras.

Ai, palavras, aí, palavras, que estranha potência, a vossa! ai, palavras, ai, palavras, sois de vento, ides no vento, no vento que não retorna, e, em tão rápida existência, tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento, e quedais, com sorte nova!
Ai, palavras, aí, palavras, que estranha potência, a vossa! Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois a audácia, calúnia, fúria, derrota (MEIRELES. C, 1985, P. 442).

O fragmento de Cecilia Meirelles sugere a capacidade de potência das palavras, questão esta também explorada por Larrosa. Segundo o autor, o fato que nos diferencia dos animais é a palavra, assim, as palavras são um potente mecanismo de subjetivação: “Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco” (LARROSA, 2016, P. 21).

Deste modo, é essencial pensar nas hipóteses a respeito da palavra “experiência”, já que Larrosa aborda esta palavra de formas distintas. Primeiramente, o autor expõe a dessemelhança entre experiência e informação, na qual a informação opõe-se à experiência. Assim, por meio do fácil acesso à informação que, representa um marco na sociedade atual, podemos utilizar qualquer um dos inúmeros recursos de pesquisa online e assim, afirmar que sabemos mais coisas que anteriormente não sabíamos, entretanto, podemos também dizer que nada nos acrescentou, ou tocou. Em seus estudos a respeito de Walter Benjamin, o autor enfatiza que “o sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais preocupa é não ter bastante informação, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber [...] o que consegue é que nada lhe aconteça” (LARROSA, 2016, P.19).

Em segundo lugar, ocorre a inexistência da experiência na opinião. Podemos afirmar que, nesta utilização de algum recurso de pesquisa *online*, o sujeito supostamente informado construiu uma opinião, aparentemente pessoal, própria e possivelmente crítica. Segundo Larrosa (2016), passamos nossa vida opinando sobre qualquer coisa de forma imperativa ou presunçosa. Entretanto, o fácil acesso à informação nos causa uma grande e importante ambivalência assim, se não ocupamos um lugar de opinião não somos sujeitos atuantes, críticos e dotados de um dito “saber”. Por outro lado, caso tenhamos uma postura crítica, com opiniões formadas, somos sujeitos fabricados e manipulados pela informação.

Em terceiro lugar, cabe ressaltar o tempo. Podemos dizer que, ao utilizar algum recurso de pesquisa *online*, o sujeito rapidamente, talvez em fragmentos de segundos, tenha acesso à alguma informação. Logo, nesta frenética e constante aceleração da conquista de um suposto “saber”, o que acontece é que, talvez, nada venha a lhe acontecer significativamente, nada o toque. A experiência nada tem a ver com o tempo, portanto, há uma cisão entre experiência e tempo onde, o sujeito propriamente dito, tem seu tempo com ou sem experiência. Por consequência, a experiência nada tem a ver com o trabalho (LARROSA, 2016).

Desta forma, trabalho e experiência são objetos distintos, e, conseqüentemente, a experiência está cada vez mais rara devido ao excesso de trabalho. Em 2002, o movimento operário da China protestou contra as condições de trabalho no país, condições estas explicadas por Žižek “[...] os chineses pagam um alto preço para se tornar rapidamente o principal centro de manufatura do mundo” (ZIZEK. 2003, P. 169). É importante ressaltar que, toda esta mobilização para alcançar tal posição reafirmou que o excesso de trabalho é, de fato, inimigo da experiência. A experiência, conforme Larrosa, acontece através de um “gesto” de interrupção, onde é preciso parar para pensar, olhar, escutar, sentir e, por vezes, parar de trabalhar (LARROSA, 2016, P. 25).

Desse modo, Larrosa afirma que a experiência nada mais é que a experiência do sujeito, um deslocamento (que promova algo) na interrupção do acelerado mundo globalizado, um freio na constante enxurrada de informação e conhecimento, um *stop* no excesso do trabalho, de opinião. O sujeito da experiência consiste naquilo que acontece,

que o afeta de alguma maneira, causa alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns sinais e alguns efeitos (LARROSA, 2002).

Tanto para Larrosa quanto para Žižek, o termo experiência passa por um deslocamento, entretanto, apenas no ponto de vista de Larrosa (2009) esse deslocamento é possível. O autor, ao se referir à Nietzsche, comenta que este deslocamento é um hiato, onde ocorre a promoção da independência e da criatividade, então, de acordo com a versão nietzschiana, o “tornar-se o que se é” está relacionado a um processo singular de formação e construção da individualidade. Contudo, Žižek (2003) vai mais além e propõe que essa experiência seja um ato impossível em virtude do real³. Seria demasiadamente extenso percorrer agora todas as instancias a respeito do que vem a ser o real para Žižek, retenho, porém, alguns aspectos a respeito do que torna inviável a experiência do sujeito para o autor.

EXPERIÊNCIA NO DESERTO DO REAL

O século XIX foi marcado por idealizações, utopias, projetos, conquistas científicas e tecnológicas, ou seja, pela busca por uma nova ordem. Em decorrência disso, no século XX foram realizadas as questões da nova ordem, no entanto, o ápice definidor do século XX foi “a experiência direta do real como oposição à realidade social diária – o Real em sua violência extrema como o preço a ser pago pela retirada das camadas enganadoras da realidade”. Como representação importante dessa dissolução discursiva, podemos destacar o naufrágio do *Titanic*, símbolo do poder da civilização industrial do século XIX, um objeto carregado de fantasias ideológicas, triunfo da engenharia náutica, totem da ousadia humana, o mais puro discurso da paixão pelo real no século XX (ZIZEK, 2003, P. 17).

Ainda na história dos Estados Unidos, os atentados ao *World Trade Center* (WTC), em 2001, denunciam, mais uma vez, essa paixão pelo real ou pelo semblante³. Tais atentados foram acompanhados por grande parte da população através de uma cobertura hollywoodiana, onde as pessoas corriam aterrorizadas em direção as câmeras seguidas por

Zizek (2003) refere-se ao Semblante Lacaniano, ao sugerir que, na sociedade contemporânea, encontramos inúmeros exemplos de virtualização do sentido (como as imagens dos ataques ao WTC que, depois de transmitidas, foram tomadas por uma parcela da população como sendo a própria realidade) e, que esses, em síntese, representam um simulacro da realidade, ou seja, uma realidade real simulada.

uma nuvem de poeira da torre derrubada, as imagens contavam ainda, com um enquadramento que remetia aos filmes de catástrofes, um efeito especial inenarrável, a partir do qual, começamos a sentir o semblante como a própria realidade real (ZIZEK, 2003). Basta recordar alguns trabalhos do cinema hollywoodiano para perceber que, na verdade, os americanos já haviam preparado uma lacuna em suas fantasias ideológicas. Em 1996, o filme *Independence Day* retratou, uma catástrofe norte americana que tinha como tema central uma invasão alienígena, portanto, quando ouvimos dizer que os ataques foram um choque, algo inesperado, que o impossível e inimaginável aconteceu, estamos reafirmando a existência de marcas subjetivas referentes ao suposto objeto (ZIZEK, 2003).

Contudo, não devemos atribuir alguns processos históricos somente a uma simples repetição discursiva, ou tampouco, desconsiderar os excessos desta na atual sociedade. Sobretudo, devemos questionar as ciências modernas que constroem o real a partir da díade problema/solução, onde o social é construído como lugar dos problemas e o político como lugar das soluções (LARROSA, 2016). Nesse aspecto, se não considerarmos a existência de um sujeito nas entranhas dessa díade, estaríamos indicando que não consideramos a promoção de novos discursos frente a um já existente, e *a posteriori*, negligenciariamos a possibilidade de retorno a um suposto prisma central discursivo que, por intermédio da repetição, possibilitaria o surgimento de novos discursos (ZIZEK, 2013). Diante do exposto, Larrosa corrobora que:

Não nos damos conta de que, muitas vezes, nós mesmos somos o problema. E aí estamos: completamente capturados. E esta nossa civilização é desprezível, cara. E esta nossa civilização é uma merda, cara (LARROSA, 2016, P. 96).

O indivíduo capturado pelo processo sócio histórico, não percebe que assinala problemas pedindo soluções, não percebe sua condição, tampouco compreende seu lugar no mundo. Apresenta um discurso da experiência bordeado por marcas subjetivas, além de ser cerceado por uma repetição discursiva, que legitima a necessidade da criação de novas linguagens para essa experiência. É importante, então, elaborar o sentido ou a falta de

sentido, e, especialmente buscar nessa ação um acontecimento singular que, apresente o real também na sua singularidade (LAROSSA, 2016).

EXPERIÊNCIA E OS LIMITES DE HEGEL

O sujeito que luta precisa da figura do inimigo para sustentar a ilusão da sua própria consistência, sua identidade depende de sua oposição ao inimigo, tanto que a vitória (definitiva) resulta em sua própria defesa ou desintegração. (ZIZEK, 2013, P. 41)

Em vista disso, para buscar uma experiência na singularidade, Žižek (2013) aponta questões importantes acerca da teoria de Hegel. Encontrando um inconsciente hegeliano meramente sobre um espectro formal, baseado somente no momento, na verdade localizada apenas no agora, centrando o sujeito sobre o espectro de suas ações, ao contrário do inconsciente freudiano clássico, bordado com elos e associações contingentes particulares. A partir disso, frente às limitações do filósofo alemão acerca do inconsciente, Žižek (2013) propõe que encontramos em partes possibilidades de desprender o real da verdade. E, à priori, destaca uma possível incapacidade devido à forma retroativa e automática da singularidade se relacionar a uma suposta totalidade racional. Nesse sentido, Larrosa (2016), ao retomar a obra de André Breton (1924), na qual propôs que “[...] a experiência está confinada em uma jaula, cujo interior dá voltas e voltas sobre si mesma, e da qual cada vez é mais difícil fazê-la sair” (LARROSA, 2016, P. 105), estabelece que as prisões da totalidade racional, como as operações de categorização e as ordenações que constituem as lógicas dos saberes e práticas, impossibilitam acontecimentos, e tampouco, promovem surpresas ou experiências.

Não obstante, ao procurar explicar a história da humanidade, Hegel propõe que a sociedade se movimenta por meio de um mecanismo dialético, este, radicalmente baseado na oposição e, principalmente no confronto de ideias. Sobretudo, uma premissa baseada na condição de que o sujeito só é sujeito quando ele consegue interpretar suas ações ou tomar consciência delas, “[...] pois, em sua forma mais elementar, o ‘sujeito’ não é um agente substancial que gera toda realidade, mas precisamente no momento do corte, do fracasso, da finitude, da ilusão, da ‘abstração’” (ZIZEK, 2013, P. 229).

Por exemplo, uma das maneiras de o sujeito demonstrar sua autonomia é estar disposto a arriscar tudo, inclusive a própria vida, por um objeto menor: embora esse objeto seja insignificante, sua própria indiferença indica que a luta se refere à dignidade e autonomia do sujeito, e não a seus interesses. Isso, no entanto, ainda não é o resto material a que se prende a própria consistência do sujeito: Hegel propõe o preceito “o Espírito é um osso” como absoluta contradição, não como uma pequena parte da constituinte real da subjetividade (ZIZEK, Pág. 309, 2013).

Desta forma, para Žižek (2013) a experiência no sujeito hegeliano não é somente aquela reduzida a uma ação, a uma substância, nem tampouco a ação é, em si, diretamente a experiência do sujeito, portanto, não devemos afirmar sua identidade. Em vista disso, a substância não é apenas uma ação, ou tampouco a mediação da subjetividade, mas é, em si, incompleta, uma vez que, somente a partir da capacidade do sujeito interpretar suas ações se manifesta um aprofundamento nos estágios da consciência do sujeito, posto que o sujeito jamais deve ser denominado o princípio fundador da realidade, pois, com base na dialética hegeliana, o real é a realidade e a realidade é o real e, esses de forma homônima, evidenciam que a realidade vive em função de um real e, o que determina o real é a realidade.

EXPERIÊNCIA NOS LIMITES DE HEGEL

Contudo, quando Žižek (2013) constrói uma teoria acerca do “inconsciente” hegeliano, acaba apontando que este é a própria consciência de si e, ressaltando ainda que, para Hegel, “[...] a verdade está no que digo não no que quero dizer, [...] a verdade esta na universalidade do significado das palavras, em oposição à intenção particular” (ZIZEK, 2013, P. 337). Desta forma, o filósofo esloveno propõe que a tese freudiana reformulada por Lacan de forma paradoxal, discorre acerca dessa temática, propondo, um “para além de Hegel” e apontando o inconsciente efetivamente como prisma central.

Segundo Žižek, o inconsciente não é tão somente um campo universal como descreve Hegel, mas, um conhecimento que não conhece a si mesmo e que se manifesta por intermédio da repetição. Em decorrência disso, o movimento dialético histórico não é somente uma resposta radical a um impasse como sugere Hegel, mas, um simulacro de retorno a um suposto objeto reprimido, objeto este, podendo estar deslocado, reduzido e

disfarçado na sociedade, estabelecendo-se então, como mecanismo propulsor de uma parcela da população (ZIZEK, 2013). A necessidade do retorno referenciado a um objeto reprimido é uma característica peculiar de diferenciação humana dos animais. O que distingue o homem do macaco, por exemplo, é que o quadrúpede, quando se depara com um objeto inalcançável, desiste de alcançá-lo depois de algumas tentativas e concentra-se em um objeto mais modesto, um par sexual menos atraente, por exemplo, já o bípede humano, permanece fixado e persistindo no objeto impossível (ZIZEK, 2013).

De acordo com Žižek (2013), a busca frenética e constante de um objeto, caracteriza-se como marco central do processo capitalista e, em decorrência disso, esse processo se torna interminável por definição, pois seu elementar objetivo é a reprodução do próprio processo. De forma retroativa, a violência do capitalismo se manifesta na sabotagem das intenções particulares, onde o repúdio da experiência e os mecanismos sociais subjetivos tornam-se indissociáveis. Assim, a experiência, acima de tudo, acontece somente na capacidade adquirida das relações com o mundo, com a linguagem, com os outros, com a singularidade, com o que o indivíduo pronuncia ou deixa de pronunciar, os caminhos que percorre ou deixa de percorrer. Sobretudo, um lugar, um local, na obscuridade do processo capitalista, uma janela que promova que as intenções particulares do indivíduo estejam implicadas com a vida na sua total vitalidade (LARROSA, 2016).

Desta forma, Larrosa (2016) aponta a necessidade da construção de novos caminhos para essas relações, especialmente a criação de novas políticas para o processo atual, que não estejam esvaziadas, impronunciáveis, ou, tampouco, dessubjetivadas. Sobretudo, a necessidade de uma política transpassada de sentido, capaz de enunciar singularmente o singular, sem limites e sem poder, mas que possibilite uma conversação. Em vista disso, a única solução teórica para os questionamentos que emergem frente ao atual processo sócio histórico, segundo Žižek (2015), necessitam estar referenciados ao comunismo, uma organização onde o comum torna-se também universal e, acima de tudo, ninguém é excluído. Portanto, o horizonte precisa permanecer comunista, e, sobretudo, “um horizonte que não seja um ideal inacessível, mas um espaço de ideias dentro do qual nos movemos” (ŽIŽEK, 2015, P. 245). Entretanto, ao fomentar a teoria comunista como solução possível, é importante lembrar que, de acordo com Žižek (2015), a simetria radical

das lutas de classe não é simplesmente negar seu inimigo, mas, sobretudo, negar a si mesmo enquanto classe. Ao promover um retorno discursivo a um suposto “discurso novo”, discurso este que já não é tão velho, surge, então, uma intersecção para o aprofundamento de uma consciência como indivíduo propiciando um deslocamento que possa resultar na experiência do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para situar a temática da experiência, foi preciso abordar pressupostos da filosofia da educação, a fim de que, fosse possível localizar a experiência em campos distintos, porém interligados. Desse modo, apontar que a práxis da ciência e da técnica, da teoria e da prática, da ótica política e crítica e em especial as relações da experiência e sentido situam contextos a qual o ser humano está inserido. Assim, localizar dessemelhanças da experiência com a informação, opinião, tempo e trabalho, indicam que a experiência do sujeito se constitui em atravessamentos e promoções de hiatos. Sobretudo, esteia-se em marcas subjetivas, sendo essas, causadoras de efeitos e reflexos no e do âmbito social. Entretanto, a promoção desse ato torna-se impossível, devido ao real em sua dura realidade, causar um corte no processo de sentido da sociedade contemporânea.

Desta forma, apontar a desertificação do real, é localizar na aridez de sentido da sociedade contemporânea, uma punição apenas para o processo capitalista, reafirmando o poder do capital, e acima de tudo, negligenciar a existência de um sujeito em meio a esse complexo sistema. Desse modo, o movimento que retroalimenta a existência deste processo, é a não elaboração de sentido ou falta de sentido, impossibilitando que nessa ação um acontecimento singular apresente o real também em sua singularidade. Assim, para encontrar uma experiência na singularidade, é necessário libertar-se da verdade localizada nos acontecimentos temporais, e promover uma ruptura, que proporcione o sujeito interpretar suas ações e conseqüentemente produzir um aprofundamento nos estados de sua consciência. Por conseguinte, escapar da universalidade dos significados também é importante, tendo em vista que, pensar nas intenções particulares do sujeito é

também centrar suas ações no inconsciente, proporcionando através de ações dialéticas um retorno a um suposto objeto reprimido.

Desse modo, a busca constante a objetos caracteriza o capitalismo, além de que, zumbifica o homem e torna o processo infindável. A inexistência de promoção da experiência aponta a necessidade de criação de novos caminhos para promover sentido, tendo em vista que, os atravessamentos da experiência promovem a emancipação do sujeito e singularizam o singular. Entretanto, a experiência não é antenome de uma solução, tão pouco, de um problema, mas uma intersecção, onde, prover sentido e todas suas dimensões, promovam também problemas. Acentuando, que as impossibilidades e necessidades de espaços para humanidades, localizam o sujeito em meio a dialéticas com a própria experiência e o próprio processo sócio histórico.

Dessa maneira, a necessidade de o futuro permanecer com o horizonte comunista, reverbera, além do que, sobreleva um futuro hegeliano. Isto é, permanecer com a utopia de outro processo sócio histórico, contrasta, com a ideia de que o capitalismo termina em fracasso e, aponta a existência de um processo dialético. Mesmo assim, o princípio de uma solução, se encontra não na promoção de escolhas polarizadas, mas, na possibilidade de retornar a um prisma discursivo, onde, neste reconhecimento, as alternativas apontem propostas que não ocupam dois lados da mesma moeda. Entretanto, apontar o termo horizonte, é também negar o emprego do comunismo como solução, mas, localizar em uma distância horizontal, uma possibilidade de escolhas, na qual, a partir dessa distancia criada o sujeito se movimenta e crie sentindo. Com a espessura das palavras de Peter Handke, “A cada frase que passe por tua cabeça, pergunta-te: esta é realmente minha língua?” (LARROSA, 2016, P. 57), encontramos uma intersecção entre o capitalismo e o sujeito, um horizonte que possibilite a experiência.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. **Nietzsche & a Educação.**/ tradução Semíramis Gorini da Veiga. -3. Ed. – Belo Horizonte : Autentica, 2009.

BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.

BONDÍA, J. L. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas/** tra Alfredo Veiga-Neto, 5. Ed.;2. Reimp. – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.

BONDÍA, J. L. **Tremores: escritos sobre a experiência.**/ tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. -1.ed.;2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. – (Coleção Educação : Experiência e Sentido)

CHAGAS, A. **Produção de textos acadêmicos: dos bastidores à elaboração do texto/** Arnaldo Chagas. Ed. 1 - Rio de Janeiro: Barra Livros, 2014

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** Atlas, São Paulo, 2008.

MEIRELLES, C. **Obra Poética.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Aguilar Editora, 1985, p. 442-94.

ZIZEK, S. **A tinta vermelha: discurso de Žižek no Occupy Wall Street.** Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2011/10/11/a-tinta-vermelha-discurso-de-slavoj-zizek-aos-manifestantes-do-movimento-occupy-wall-street/#prettyPhoto> Acesso em: 17/05/2016.

ZIZEK, S. **Bem vindo ao deserto do real/** tradução Paulo Cezar Castanheira . – São Paulo: Boitempo, 2003.

ZIZEK, S. **Como ler Lacan/**tradução Maria Luiza X. de A. Borges; revisão técnica Marco Antonio Coutinho Jorge. – Rio De Janeiro: Zahar, 2010.

ZIZEK, S. **Menos que nada: Hegel e a sombra do materialismo dialético/** tradução Rogério Bettoni. – São Paulo : Boitempo, 2013.

ZIZEK, S. **Problema no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo/** tradução Carlos Alberto Medeiros. -1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

ZIZEK, S. **Vivendo no fim dos tempos/** tradução Maria Beatriz de Medina. – São Paulo: Boitempo, 2012.